



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

OBRIGADO, MARGOT PROENÇA

Marcos Roberto Inhauser

A data eu não sei precisar. Foi entre 1967 e 1970. Era aluno no Culto à Ciência e fazia o científico. Começo de ano e estávamos entusiasmados em saber quem seriam os professores e quais deles conseguiríamos enrolar. A turma do fundão, da qual eu fazia parte, já tinha seus planos. Preocupados em saber quem nos daria aula de quê, alguém nos contou que teríamos aula de filosofia e que a professora era “uma máquina”, gíria da época para mulheres bonitas.

Chegou o dia. Estávamos apreensivos em saber quem era e como era. Quando ela entrou na sala fiquei extasiado: ela era linda, exuberante, simpática, dela saía uma energia contagiante. A classe ficou muda. Estávamos apreensivos com a matéria (nova no nosso currículo e foi a única vez que a tive) e surpresos com a professora.

Parece que ela adivinhou nosso sentimento que, como eu, estávamos mais encantados com a beleza dela que com o que poderia nos ensinar.

Ela começou a dizer que não iria ensinar filosofia porque isto seria chato, mas que nos ensinaria a filosofar e nos perguntou o que era a verdade. Todos participamos e ela nos deixou uma lição que marcou minha vida: “filosofar é questionar as verdades estabelecidas, é perguntar, é discordar. O filósofo é um eterno insatisfeito porque nenhuma verdade para ele é final.”

Um dia ela nos levou a São Paulo para, na rua mais badalada da cidade, a Augusta, assistirmos o filme “2001, uma odisseia no espaço”. Depois fomos comer melão com presunto cru no Restaurante Fasano e discutir o filme. Coisa inédita, maravilhosa para uma geração que estava amordaçada pela ditadura. Ela me levou a ler o Pasquim e a colecioná-lo.

Na volta, alguém, aos sussurros, começou a ensinar um canto subversivo: “Avante popolo a la stazione / rivoluzione, rivoluzione / avante popolo, facciamo greve / viva Krushev, viva Krushev”. O canto medroso foi ganhando vida e ao final, lá estava ela regendo o coral de adolescentes filósofos.

Adolescente, me apaixonei por ela. Até perfume passava para ir à sua aula. Quando soube da sua morte, entrei em depressão. Por muito tempo achei que ela tinha sido uma página virada na minha vida. Quando assisti pela primeira vez o filme “Sociedade dos Poetas Mortos” ela ressuscitou em mim. Percebi que ela tinha sido uma das maiores influências que tive.

Do que hoje sou, muito devo a ela. Se escrevo esta coluna há oito anos, ela é a grande merecedora desta façanha, pois ensinou-me a perguntar e a duvidar.

Obrigado Margot Proença. Você morreu, mas ressuscitou em seus alunos, provando que quem ensina se torna eterno na vida de quem ensinou.